

Revista **FONTES DOCUMENTAIS**

DAS ESTÓRIAS ÀS MEMÓRIAS: A VIDA DOS JUTICULTORES DO MÉDIO AMAZONAS

FROM STORIES TO MEMORIES: THE LIVES OF JUTICULTURISTS IN THE MIDDLE AMAZON REGION

DOI: 10.9771/rfd.v7i0.66272

Irlan Leal de Vasconcelos

Professor de Geografia na Rede Estadual de Ensino do Amazonas (SEDUC). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA). E-mail: irlan.vasconcelos@prof.am.gov.br

Gisele Giandoni Wolkoff

Professora do Departamento Multidisciplinar do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro permanente do Programa Sociedade e Cultura da Amazônia. Coordenadora do Grupo de Estudos Arte Ásia e vice-líder do Grupo Corpos em Movimento e Transculturalidade. Orcid: <https://orcid.org/0001-89625215>. E-mail: gwolkoff@id.uff.br

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a história e as memórias de jaticultores a partir de suas narrativas como fontes sobre a história da comunidade, do trabalho e suas agruras no cultivo da juta. A pesquisa se deu na comunidade São Sebastião na Ilha do Marrecão, Manacapuru/AM, região com forte presença econômica e cultural da juta. A partir das narrativas dos jaticultores foi possível compreender as memórias como fontes que compõem a história da comunidade, a cultura da juta e o labor do trabalho a partir de vivências e experiências.

Palavras-chave: memórias. trabalho. jaticultores. comunidade.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the history and memories of jaticulturists based on their narratives as sources of the community's history, work and hardships regarding the jute cultivation. This research has taken place in the São Sebastião community on the Ilha do Marrecão, Manacapuru/AM, a region with a strong economic and cultural presence of jute. The narratives of the jaticulturists has allowed us some deeper understanding of the memories as sources that compound the community's history, the jute culture and the labor associated with work based on the narrated experiences.

Keywords: memories. work. jaticulturists. community.

1. INTRODUÇÃO

O estudo que aqui floresce se tece nos fios da juta que compõem a história e a identidade cultural dos jaticultores da comunidade São Sebastião na Ilha do Marrecão, Manacapuru/AM. Assume-se o propósito de analisar a história e as memórias de jaticultores a partir de suas

narrativas como fontes sobre a história da comunidade, do trabalho e suas agruras no cultivo da juta. A comunidade foi formada pelas migrações de homens e mulheres a partir da década de 1950 e que se vislumbraram pelo potencial econômico da juta na região (Homma, 2016). Os povos remanescentes desta migração, filhos e netos desses primeiros juticultores continuaram com esta tradição familiar e formaram as cinco comunidades que compõem a Ilha do Marrecão. Neste ambiente das águas o juticultor tece as suas relações com os ambientes real e o imaginário que compõem e influenciam seus modos de habitar o mundo amazônico.

O juticultor da Amazônia é representado por sua força produtiva, por possuir grande importância para o meio econômico ao auxiliar o fortalecimento do comércio da cidade, assim como no fortalecimento da cultura do extrativismo da juta e da malva no município de Manacapuru. Influenciadas por várias culturas, oriundas de saberes indígenas, as práticas dos juticultores carregam um teor complexo que se arraiga por ambientes físicos e abstratos compostos por um imaginário fecundo, norteador e criador de símbolos, mitos, contos, e devaneios, dentro de um lugar que tem seu próprio tempo, cadência e visões de mundo.

No labor do trabalho que vai desde a plantação das sementes na lama da várzea à colheita durante a enchente que invade os jutais¹, esta cultura da juta, trazida pelos japoneses, adaptou-se muito bem aos modelos ecológicos dos povos tradicionais e não só. A história da juta na comunidade não possui muitos registros, o que torna as memórias desses juticultores remanescentes fontes importantes para a compreensão e composição dessas identidades que se alojaram às margens da ilha do Marrecão.

O lócus da pesquisa foi a comunidade São Sebastião na Ilha do Marrecão localizada nas proximidades de Manacapuru no Médio Solimões, região com forte desenvolvimento da produção da cultura da juta no estado do Amazonas. O trabalho de campo foi realizado no chão da comunidade, onde foram ouvidos 05 juticultores entre homens e mulheres que compõem a amostra desta pesquisa. A coleta das narrativas foi feita a partir da técnica de entrevista semiestruturada, orientada pela entrevista profunda baseada nos estudos de Bourdieu (2008), a qual permite ouvir um mesmo sujeito quantas vezes for preciso. A técnica da entrevista profunda possibilitou uma imersão maior nos conhecimentos, experiências e memórias dos juticultores.

Em suas casas flutuantes, atracadas nas margens do rio ao lado de suas extensas plantações de juta, o juticultor sonha e imagina, enfrenta as adversidades das águas e confronta o rio garantindo sua existência e subsistência a partir de relações de reciprocidade com a

¹ São as extensões de plantação de juta na Amazônia.

floresta. Nesse sentido, este estudo busca contribuir para uma visão mais profunda sobre o juticultor da Ilha do Marrecão na valorização de sua identidade cultural simbioticamente entrelaçada entre água, terra e floresta. Evidenciar populações periféricas e marginalizadas social e ambientalmente pode trazer contribuições significativas para pensar o juticultor para além do trabalho braçal, em suas memórias, que guardam conhecimentos essenciais sobre a história da juta.

2. AS MEMÓRIAS DE JUTICULTORES COMO FONTES DA HISTÓRIA DA JUTA NA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO NA ILHA DO MARRECÃO

A vida nas e das comunidades amazônicas está intrinsecamente ligada ao rio e à floresta. Conforme singra-se pelos rios ao horizonte aparecem as casas de madeira, seus portos simples aliados a uma paisagem que começa no rio, toma o verde e ganha o céu azul. São imagens que marcam, mas não porque deixam, “como outras cidades memoráveis, uma imagem extraordinária nas recordações, mas porque têm a propriedade de permanecer na memória rua por rua, casa por casa, apesar de não possuírem particular beleza” (Oliveira, 2006, p. 27). É desse modo ocorre o contato catártico com a maioria das cidades amazônicas, que se aconchegam à margem dos rios e lagos amazônicos.

A região apresenta-se com relevo variável da terra firme à terra de várzea. A área do Médio Solimões, em que se encontra nosso campo de pesquisa, enquadra-se numa zona de sedimentação fluvial, por estar localizada nas margens dos cursos d’água. Tanto a área urbana quanto a zona rural ficam sujeitas a inundações periódicas. Esse é um fator crucial para a economia da juta no município, uma vez que a várzea é um terreno periodicamente inundado e, em consequência, fertilizado pelas águas do rio. O poeta amazonense Elson Farias em sua obra *Estações da Várzea* nos mostra estas transformações no poema *Figuras*:

O jardim era encharcado no fim do inverno
o verão era verde.
Heras medravam nas pedras sujas,
manjeronas se urdiam no pátio como cobras,
risos-do-prado japanas mucuracaás
papoulas rosas-pedra
lama seca
estalada em
retângulos de cinza (Farias, 1963, p. 17).

O autor mostra o movimento de mudança das estações na decida das águas e o início do verão. Esta hidrografia das águas entre a vida no campo e na cidade, na concepção de Loureiro (2001, p. 137) demonstra que “o rio é um fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, [Revista Fontes Documentais. Salvador, v. 8, Ed. Especial: Informação e Memória, e81259, 2025 – ISSN 2595-9778](#)

conferindo um ethos de ritmo à vida regional”. Por estas águas singram as gentes e nas suas margens constituem comunidades que fazem das águas caminhos e onde o juticultor lava a juta.

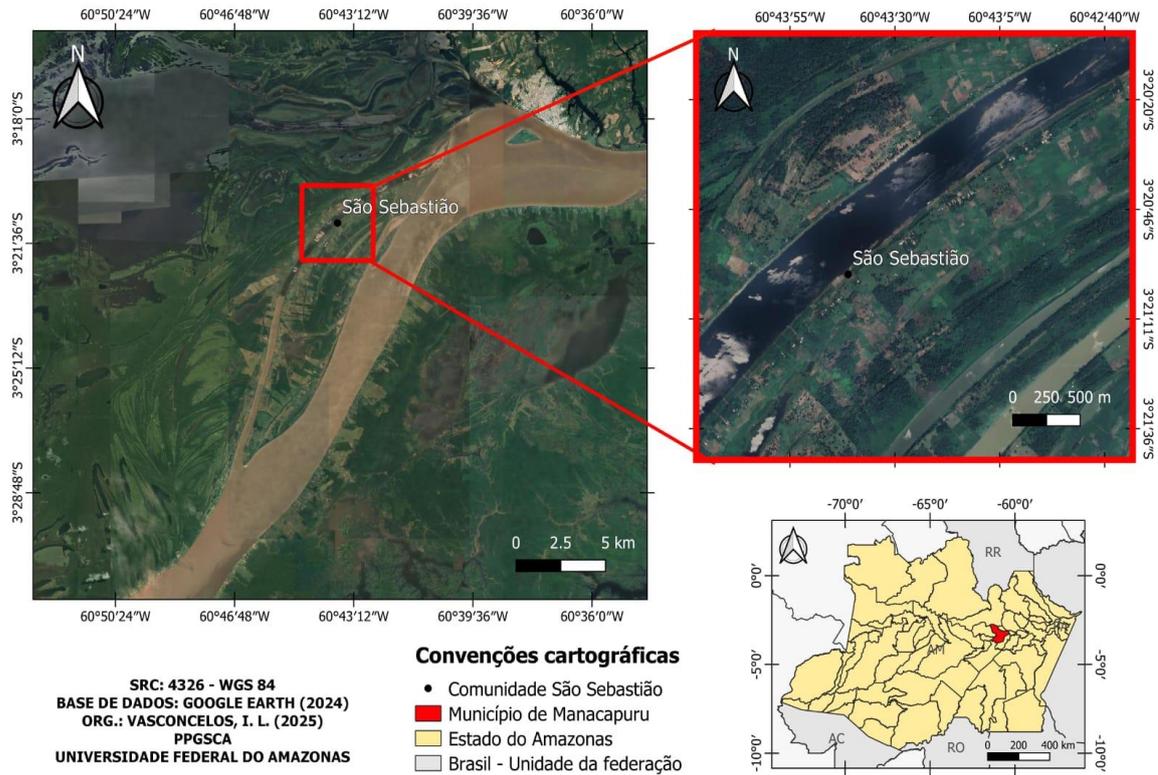
Mesmo em meio a essas adversidades a população se adapta conforme a demanda do espaço. Essa ocupação acontece quase sempre na direção de áreas periodicamente inundadas. No período das cheias dos rios é comum ouvir se dizer que o rio invadiu as casas, as plantações, a cidade, quando na verdade é a própria população que invade os espaços que há muito fazem parte do leito do rio. Para acompanhar essa dinâmica, de descida e subida dos rios, tanto a população ribeirinha quanto os moradores do porto da cidade costumam construir casas de madeira sobre o rio, os chamados flutuantes.

Em Loureiro (2001) tais experiências representam uma forma de atividade humana íntima e profunda com o lugar dotada de sensibilidade e vivências que constroem identidade. Através da cultura esses povos assumem diversas formas ditadas pela dinâmica do tempo, em que alguns povos vivenciam ambientes urbanizados e organizados pelo trabalho e pelo consumo, enquanto outros, como os povos tradicionais, também se organizam e se articulam, mas pensam e vivem a natureza como sua própria vida sem a intenção de esgotá-la (Bruce, 2022).

As casas flutuantes são símbolos de um estilo de vida ligado ao rio e a floresta, onde o rio, em algum momento parece comandar a vida, mas os conhecimentos que decorrem do imaginário desse povo, criam possibilidades, tornando-os protagonistas das suas próprias histórias. As conexões com as águas e a floresta se dão desde a infância e demonstram que se “o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos” (Bachelard, 1997, p. 119). Estas afeições criam morada nas casas construídas sobre o rio, sustentadas em toras de madeiras que servem tanto de comércio como moradia.

Nas comunidades amazônicas existe uma conexão muito mais forte com os elementos das águas, da floresta e com o manejo da terra para as plantações que formam a identidade cultural local. A exemplo disso apresentamos a Ilha do Marrecão, *locus* de pesquisa, situada no Município de Manacapuru/AM, rodeada pelas águas do rio Solimões, a cerca de 40 minutos de voadeira partindo do porto da cidade. A Ilha do Marrecão é composta por um complexo de cinco comunidades, a saber: Cristo Única Esperança, Monte Carmelo, Nossa Senhora Aparecida, São Francisco das Chagas e São Sebastião. O recorte espacial da pesquisa de campo foi a comunidade de São Sebastião, localidade onde realizamos as entrevistas e observação direta.

Mapa 01 - Imagens de satélite da localização da comunidade São Sebastião na Ilha do Marrecão



Fonte: Google Heart (2024), organizado pelo autor Vasconcelos (2025).

A comunidade é composta de 40 famílias que têm na atividade do cultivo da juta, da malva e no pescado suas principais fontes de renda, intensificando-se nos períodos da safra da vegetação e da piracema, que ocorre durante o período da vazante se estendendo pelos meses de junho a novembro. No período das enchentes, que se estendem pelos meses de dezembro a maio, o pescado e a plantação da juta ficam escassos, fazendo com que as famílias recorram a outras fontes alternativas de renda, como a criação de pequenos animais como galinhas, patos e porcos. Esse é um fator crucial no que tange a economia da juta no município, uma vez que a várzea é um terreno periodicamente inundado, e em consequência, fertilizado pelas águas do rio.

Figura 01: Registros das paisagens da comunidade São Sebastião na ilha do Marrecão



Fonte: Vasconcelos (2024)

Neste espaço rural da vida no campo constitui-se esta comunidade tradicional amazônica num “espaço para os corpos, como o calor para a vida” (Bittencourt, 2001, p.143). Na visão de Deleuze e Guattari (2012), é uma relação poiética que floresce nos perceptos e afectos que formam um conjunto de sensações independentes de quem os sente a criar vínculos com o lugar de identidade. Neste ambiente bucólico da vida entre as águas e a floresta, a pescaria, a agricultura familiar, a plantação de juta e malva, o social, ambiental e subjetivo, três registros apontados por Guattari (1990), se misturam na complexidade da vida amazônica, na união de gentes, bichos, plantas, terra e água numa ecologia de saberes.

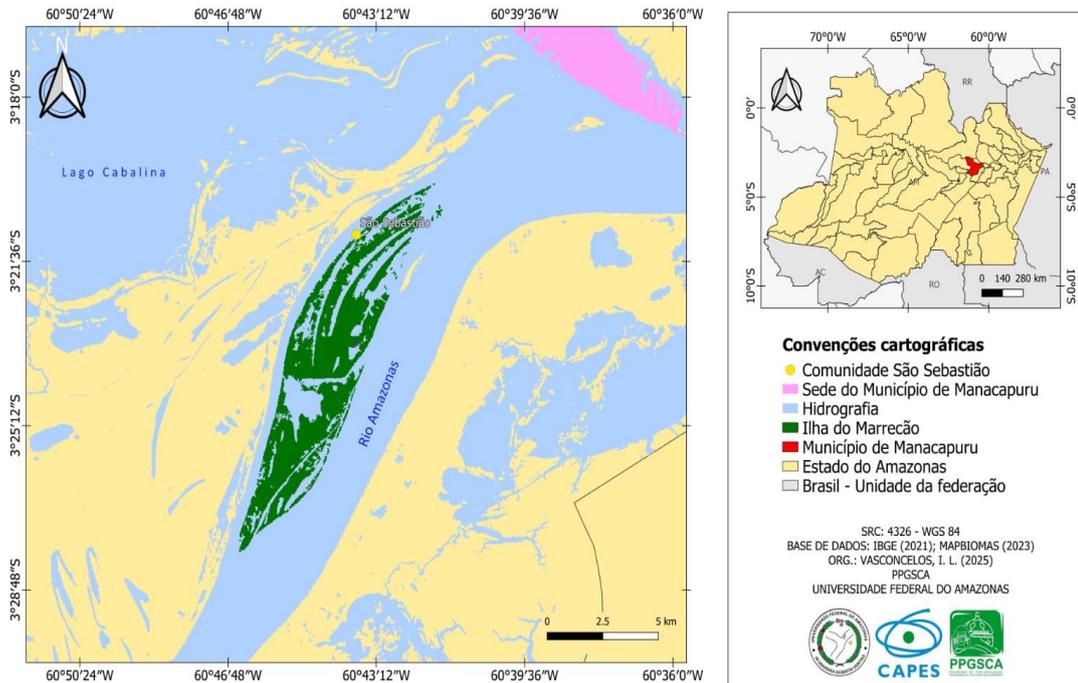
De acordo com Wagley (1988, p. 44), “na comunidade a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem interligados e formam parte de um sistema geral de cultura, tal como o são na realidade”. É desse modo que se apresenta a Comunidade da Ilha do Marrecão e seus moradores em maioria pescadores e juticultores. As comunidades dos interiores do estado Amazonas, em sua maioria são compostas atualmente por duas religiões, ou seja, em cada comunidade há duas igrejas, uma católica e outra evangélica (OLIVEIRA, 2012). Na comunidade de São Sebastião, existe uma sede para reuniões e eventos, duas igrejas católicas, uma antiga que já não é mais utilizada para celebrações e outra recém-construída, localizada na parte frontal da comunidade.

No que se refere à natureza que envolve a Comunidade, ela fica à margem esquerda do rio de águas escuras que banham a comunidade, metamorfoseando-se em cores barrentas, criando um mosaico de igapós, lagos e restingas que se estendem por quase todo seu território. Estes povos que vivem às margens dos rios da Amazônia vivenciam e sentem o entrelaçamento entre natureza e cultura. São povos tradicionais que mesmo diante movimentação consequente

da juta e da malva têm suas vidas conectadas com a tríade natureza/cultura/sociedade numa relação de reciprocidade.

Nesta mesma concepção, Morin (2000, p. 54) aponta que “existe uma relação triática indivíduo/sociedade/espécie. As interações entre os indivíduos compõem uma sociedade que testemunha o surgimento da cultura e que retroage sobre os indivíduos pela cultura”. No mapa a seguir temos uma dimensão desta territorialidade, vejamos:

Mapa 02 - Recorte da área de estudo; Ilha do Marrecão



Fonte: Google Heart (2024), organizado pelo autor Vasconcelos (2025).

Este é o campo de nossa pesquisa, o *locus* que compõe a Ilha do Marrecão onde está localizada a comunidade São Sebastião. Seus moradores residem em comunidade formando um coletivo com uma linguagem peculiar (comunidade de fala), modos de vida, relações sociais e culturais em teias de vida que compõem o imaginário da comunidade. Em diálogo com Maffesoli (2014, p. 34), esta é uma comunidade emocional e “para dar conta desse conjunto complexo proponho usar a metáfora da tribo ou tribalismo, insisto no aspecto coesivo da partilha sentimental de valores ou ideias que estão ao mesmo tempo circunscritos (localismos) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais”. Na Amazônia vários foram os acontecimentos históricos que marcaram e impulsionaram a criação das comunidades como as comunidades da Ilha do Marrecão, dando-lhes as mais diversas configurações, cujos valores sociais e a sensibilidade coletiva são o sedimento do querer viver

junto socialmente. A história da juta entrelaça-se à vida da comunidade, onde seus moradores trazem nas memórias os processos que marcaram suas biografias, seus corpos e almas. Para Wagley (1988), as comunidades têm as suas origem e história, elas não se formaram do nada. Um de nossos primeiros entrevistados, Teófilo Silva Monteiro, mais conhecido como Têê (64 anos) nos relata que:

Os primeiros moradores foram da família Saboia que eram comerciantes. Também tinha a família Damascena, a família Ozório e a família do seu Nezinho, pai da professora Marieta. Esses eram os caras que eram comerciantes que forneciam os alimentos pros trabalhadores que trabalhavam com juta, malva. Os primeiros trabalhos lá foi malva e juta. Era o mais forte da região e esses eram compradores de juta e essas famílias compravam juta das famílias. No fim do fabrico eles iam pegando essas jutas das famílias que plantavam. Eu era pequeno nessa época, mas me lembro deles. Eles que eram os barão de lá (Monteiro, 2024).

A história de formação da comunidade entrelaça-se à história da juta no Brasil, que se deu em diferentes momentos. Inicialmente, no período de 1927, com a assinatura do governador Ephigenio Salles para conceder terra aos japoneses para a cultura da juta no estado do Amazonas, seguido do processo de saída dos imigrantes japoneses das terras amazônicas, por conta dos acordos de Vargas com os norte-americanos, obrigando a saída dos japoneses do Brasil, nesse período (Vieira, 2023; Ferreira, 2016; Saunier, 2003).

Por fim, ocorreu a saída dos imigrantes da Amazônia em razão do acordo de Getúlio Vargas com os norte-americanos, obrigando a saída dos japoneses do Brasil em retaliação à Segunda Guerra Mundial. Conforme Ferreira (2016), com a saída dos japoneses, o controle dos negócios com a juta ficou nas mãos de empresários brasileiros, conhecidos pelos juticultores como barões. No estado do Amazonas, esses barões utilizaram a mão de obra ribeirinha, por conta das áreas de várzea, onde havia comunidades tradicionais e comunidades que se formaram a partir desse contexto, como as comunidades da Ilha do Marrecão. Entre 1950 e 1980, essas comunidades foram essenciais para o cultivo da juta, que se tornou parte integrante da história e formação cultural da região.

A ilha se formou ao longo do tempo, nas dinâmicas do rio que modificam a paisagem ao longo dos anos, juntando grandes porções de terra que formaram pequenas praias e terras. Neste território líquido, a paisagem está em constante modificação, sempre transitória, a criar espaços, lagos, caminhos entrecortados por água. A Ilha do Marrecão se formou nessa dinâmica de água, terra e floresta. É o que nos narra Marlene Freitas de Gomes, que mora na comunidade desde a infância:

O meu pai sempre comentava com a gente que isso aqui não existia, isso aqui era o rio. O rio era desde desse lado de lá até lá na costa do Marrecão. Isso aqui tudo era rio. Meu pai comenta, meu pai ainda é vivo. E ele dizia que isso aqui foi tipo uma praia que formou no meio do rio. Nessa época não existia ainda, quando ele ainda era

criança. Meu pai sempre morou aqui, nasceu por aqui mesmo. Quer dizer, ele não nasceu aqui, ele nasceu no meio do rio, como dizem, ilha do Purus. Mas ele conheceu aqui desde criança. Primeiro nasceu lá, lá pra dentro. Porque aqui tem vários lugares, bem aqui tem o Paraná, aqui atrás tem o Paraná, aí tem essa restinga lá, aí tem outro lago, tudo foi formado, tipo uma ilha que formou (Gomes, 2025).

O lar dos moradores da ilha foi se formando ao longo do tempo e em seguida seus habitantes foram chegando, adquirindo pertencimento e dando significado ao lugar. É nesse cenário que os juticultores da comunidade da Ilha do Marrecão, por meio de suas narrativas, expressam sua visão de mundo no ambiente das águas. O juticultor namorador das águas, é visto como contador de histórias, aventureiro, poeta, devaneiro, bubuieiro, carrega marcas e semblantes que transcendem sua própria vida. Suas relações com as águas são profundas desde os mergulhos nos rios e lagos da infância.

Figura 2 - Registros das paisagens da Ilha do Marrecão



Fonte: De propriedade dos autores.

A relação intrínseca do ambiente de água e de floresta se entrelaça ao viver amazônico e ao labor do juticultor. Nas palavras de Bachelard (1988, p. 30) “há algo de maravilhosamente suave nesse estudo da natureza que atribui um nome a todos os seres, um pensamento a todos os nomes, uma afeição e recordações a todos os pensamentos”. O devaneio e a imaginação do juticultor “são práticas de racionalização, fruto da relação entre homem e natureza expressas no imaginário formado pelas percepções de sutileza do real que retornam ao mundo do ser através do devaneio das águas” (Cerqueira, 2020, p. 28). Essa complexa forma de vida pode traduzir o mundo sob uma nova perspectiva, talvez divergente dos paradigmas atuais, por atender a uma gama de especialidades dentro de seu próprio ambiente e também, por estar livre de preocupações que excedam aquilo que realmente necessita. O que transcende na vida do

juticultor pode ser sua visão diferente, mesmo sendo apenas mais uma forma de ver e compreender o mundo.

No *locus* do labor cotidiano, o som do seu instrumento de trabalho, ao cortar a malva, se mistura aos cantos dos pássaros e do vento nas plantações, compondo uma melodia rítmica única e poética, como uma canção que transmite tranquilidade, transparecendo ser a relação perfeita entre homem e natureza. Porém, esse olhar romântico, fixado somente no cenário estético e estático da paisagem, impossibilita o desvelar de seus múltiplos significados.

Figura 3 - Trabalhadores no processo de extração da juta/malva na Ilha do Marrecão



Fonte: De propriedade dos autores.

A imagem mais próxima dos trabalhadores – a temperatura acima dos quarenta graus, o respirar ofegante, o suor que molha seu rosto e suas roupas – revela não mais uma poesia, mas um mundo real marcado por um cotidiano enfadonho de dor e sofrimento. Um dos sujeitos da nossa pesquisa, Têê, em sua experiência de 30 anos de trabalho com a juta e malva, nos relata um outro olhar sofrido do trabalho do juticultor:

Trabalhei 30 anos com malva e juta. Era o meu trabalho lá. Mas as dificuldades eram muitas. A dificuldade era quando vinha a água ligeiro a gente perdia e não dava tempo de colher logo. Aí a dificuldade quando secava era carregar. Esse ano perderam metade da malva na costa do Marrecão porque não tinha água. Aí naquela época a gente fazia aquelas cangaia de cavalo pra carregar. Os cavalos carregavam, mas era uma dificuldade muito grande quando secava. Tinha vezes que a dificuldade era a gente cortar a malva e a juta e a gente afogava e o rio secava e a gente empurrava na lama caçando água (Monteiro, 2024).

Estar ali parece não ser uma opção, mas uma necessidade. Como dito anteriormente, a chegada da juta no Amazonas gerou expectativa de retorno a um período econômico semelhante ao que foi o ciclo da borracha. Em Manacapuru, não foi diferente: despertou no imaginário a possibilidade de uma vida melhor, tanto para os moradores da cidade quanto para os do interior.

O que impulsionava o fluxo de trabalhadores eram seus sonhos, anseios e otimismo, mesmo estando, muitas vezes, diante de um cenário de incertezas, pois os fios dourados da juta representavam um fio de esperança. A Manacapuru de hoje é o resultado de outras Manacapurus pretéritas, de um processo histórico protagonizado por diversos atores endógenos e exógenos que forjaram sua identidade cultural. Suas representações simbólicas e artísticas, mitos e ritos podem ser melhor compreendidas por meio de sua arqueologia histórica e cultural.

É nesse contexto amazônico que a Ilha do Marrecão se forma e se transforma, na dinâmica das águas e na cultura de seus habitantes, que possuem uma relação única com o lugar. Essa cultura, como modo de vida, forma-se no âmbito das relações sociais, onde cultura e civilização, espírito e matéria, criatividade e mecanicismo estão intrinsecamente conectados (Cevasco, 2008). Na Amazônia, esta transculturalidade é latente nos povos tradicionais indígenas e não indígenas, em seus modos de ser, de estar e de habitar o mundo. Existe uma cultura que se traduz e expressa na oralidade, nas práticas, ritos e ritmos, num processo entrecruzado que atravessa e transpassa diferentes culturas na formação de microuniversos culturais.

2.1 MEMÓRIAS DO LABOR E DO TRABALHO COM A JUTA E MALVA NA ILHA DO MARRECÃO

As terras de várzea da ilha são periodicamente fertilizadas. Após o plantio, vem a enchente que regenera e retroalimenta o solo de sedimentos em suspensão. Esses sedimentos dão o tom amarelado e barrento das águas do Solimões, que deixam a terra rica em nutrientes, tornando as áreas alagadas propícias para a sua produção. Entretanto, embora as áreas de várzea tenham bastante fertilidade para as culturas de juta e malva, “as populações ribeirinhas possuem muitas dificuldades para a sua produção em razão da falta de tecnologias apropriadas para o seu processamento, pela falta de estrutura que promova a dinamização de arranjos produtivos locais e a falta de assistência técnica especializada” (Paiva, 2009, p. 19).

De acordo com este autor, mesmo em meio a essas dificuldades, a valorização da juta e da malva para a produção de fibras logo seduziu os homens e mulheres da Amazônia para o plantio e manejo, em sua maioria, a partir de mão de obra familiar e uma produção rudimentar em torno de suas casas (Paiva, 2009). Estes elementos compõem o cenário das comunidades da ilha do Marrecão.

A comunidade São Sebastião possui juticultores e juticultoras que, pela tradição familiar, deram continuidade a esta prática nas plantações de juta e malva nas terras próximas

às suas casas, algumas de assoalho, outras flutuantes. A cultura da juta na comunidade se inicia a partir das décadas de 1950 e 1960 com os incentivos do governo, devido à forte demanda desse tipo de fibra no estado do Amazonas (Noda, 2010). A partir da distribuição de sementes de juta e malva, o cultivo cresceu significativamente em diferentes calhas do Rio Solimões. A partir destes processos, formou-se a cultura da juta e malva na ilha do Marrecão. Nas suas margens, surgiram as comunidades Cristo Única Esperança, Monte Carmelo, Nossa Senhora Aparecida, São Francisco das Chagas e São Sebastião, ambas com tradição na cultura da juta.

Na comunidade São Sebastião, os filhos destes primeiros juticultores ainda permanecem na cultura e manejo de juta e malva. Trazem na memória as lembranças de seus pais e avós que iniciaram a tradição familiar da juticultura. Segue o relato de Marlene Gomes:

Meu pai era juticultor, era a principal atividade aqui com agricultura, juta, malva, roça. Eles todos trabalham com juta, malva, né. Juta, malva, roça, macaxeira, banana, e tem alguns ali pra cima que trabalham na época também de camarão, né. Eles pegam camarão pra vender, essas coisas assim. A juta tem época que o preço aumenta, tem época que diminui, é assim, é variado, não tem uma coisa certa, mas aí a comunidade consegue sobreviver mais a partir dessa atividade econômica. Tem dado retorno. A única solução pro pessoal aqui é a juta e malva (Gomes, 2025).

A juta chega à região da ilha do Marrecão que servia de área de plantação de juta e malva. Com o passar do tempo e as mudanças geológicas do território estes juticultores foram migrando para a ilha formando as comunidades que existem hoje. Neste ínterim, a história da juta atravessa a história da comunidade São Sebastião e seus moradores. É isso que nos relata Têê. Vejamos: “Essa questão de trabalhar com juta veio desde os meus pais, os avós. Trabalhei 30 anos com malva e juta. Era o meu trabalho lá e lá a dificuldade era muita” (Monteiro, 2024). Para Wagley (1988) conhecer mais profundamente a realidade do homem e da mulher da Amazônia pode trazer reflexões importantes na evidenciação de seus dilemas e desafios. Neste lugar cercado de água e floresta os moradores teceram seus conhecimentos e a cultura da juta enfrentando as adversidades do trabalho braçal e a força das águas, conforme relata Nilson Souza de Oliveira, de 60 anos de idade:

As principais atividades aqui são com a juta. Trabalho com juta e com a malva e com a pesca, né? Minha família tem uma tradição de trabalho com a juta que herdou dos meus avós, dos meus pais. Pra mim já veio do meu pai, né. O meu pai, o tempo que ele era novo, ele plantava juta. Aquele tempo era juta. Minha mãe também trabalhou com juta. Ela que era a cabeça. Nesse trabalho, ela trabalhou muito no braçal, né? No braçal, é. Até agora ela não para, né? Ela mora bem aqui (Oliveira, 2025).

De geração em geração a cultura do plantio da juta foi se significando na vida e na história da comunidade com moradores da região ou de outros lugares, que a partir de uma cultura de trabalho e relação afetiva com a natureza constituíram uma cultura que os uniu a

partir de uma identidade cultural. É importante lembrar que os povos amazônicos possuem uma relação de reciprocidade com a natureza em trocas com o espaço no respeito aos ecossistemas vivos e mesmo com a incorporação da cultura da juta, estes não perderam este vínculo.

Nesse sentido, a cultura da juta na Amazônia é transcultural, naquilo que atravessa e ultrapassa a cultura amazônica “que constitui o lugar sem lugar daquilo que atravessa e ultrapassa as culturas” (Nicolescu, 2001, p. 7), no que Silva (2004) aponta como três Amazônia, a portuguesa, a indígena e a brasileira. Somando-se a isso temos a cultura japonesa que aclimatou a juta ao clima e solo amazônico. Para Hall (2006, p. 13):

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

A multiplicidade de identidades dentro do sistema cultural amazônico ganha formas, contornos e cores que desvelam infinitas identidades em processos de temporalidade. Diante desse cenário, voltamos nossa atenção para o ambiente amazônico, mais precisamente para os cultivadores da juta da localidade da Ilha do Marrecão, município de Manacapuru, Amazonas. Esses trabalhadores, por meio de sua prática, tecem uma relação com o seu lugar, as florestas, a terra e os rios, cultivando seus conhecimentos e mantendo o sustento familiar.

A cultura da juta na Ilha do Marrecão é composta não só pela diversidade cultural e social, mas também pela força produtiva do juticultor, por possuir grande importância para o meio econômico, pois auxilia no fortalecimento do comércio do município de Manacapuru, assim como no fortalecimento da cultura do extrativismo da juta e malva no Médio Solimões. Influenciadas por várias culturas, as quais provêm de saberes indígenas, as práticas dos juticultores carregam um teor complexo que se enraíza em ambientes físicos e abstratos compostos por um imaginário fecundo, norteador e criador de símbolos, mitos, contos, lendas e devaneios, dentro de um lugar que tem seu próprio tempo, cadência e visões de mundo.

Existe um saber apreendido a partir da cultura japonesa de plantio da juta e da malva, mas a real adaptação e ampliação da produção se dá a partir dos saberes dos povos tradicionais amazônicos, que detêm conhecimento sobre a terra e as águas. “Na sociedade amazônica, é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo” (Loureiro, 2012, p.

21). O labor do juticultor se dá na sua relação com a terra e as águas, onde desenvolveu técnicas que passaram de geração em geração e continuam presentes nas plantações.

Por meio do relato dos juticultores e juticultoras da comunidade São Sebastião, pôde-se coletar estas informações para a compreensão dos aspectos econômicos e das técnicas de trabalho, dando luz à realidade laboral da comunidade atualmente, bem como à memória e às histórias destes comunitários. Além da relação com o território e da compreensão dos conhecimentos tradicionais, também foi possível captar a subjetividade individual do trabalho dos juticultores e juticultoras. A pesquisa de Silva (2019) destaca essa preocupação em compreender como se configuram as vivências de sofrimento no trabalho dos produtores de juta e malva nas plantações do município de Manacapuru.

Os depoimentos de nossos entrevistados demonstram o sofrimento do trabalho, que muitas vezes é mascarado e encoberto por uma visão romantizada do juticultor. Essa relação de forças entre o homem e o rio evidencia os desafios de se trabalhar nas águas e o grande esforço feito para a colheita da juta, bem como na limpeza do terreno para a plantação. Estas são consideradas as etapas mais difíceis da juticultura, como nos relata Marlene Gomes (60 anos):

A dificuldade, todo o trabalho são difíceis, né? É difícil, é. É porque, olha só, quando na época a gente morava, que a gente era pequena, a gente cultivava desde um mato como esse, a gente tinha que roçar, tinha que enfrentar formiga, o sol quente, cobra, tudo que vinha pela frente tinha que roçar, depois de roçar, queimava, e depois de queimar ia virar terra na enxada, lá no meio do sol, né? Enfrentando formiga e tudo. Aí depois da limpeza, aí vinha o corte, todo mundo tinha que cortar, fazer os fechos, aí deixava murchar um pouco, quando caía um pouco a folha, pra ficar mais leve, né? Aí tinha que carregar, e a distância grande, mais de 500 metros de distância carregar na costa, que é o fecho de juta (Gomes, 2025).

As agruras do trabalho expressam o sofrimento do trabalhador e o quanto é difícil o cultivo de juta e malva na Amazônia. Dentro de uma perspectiva econômica muitos estudos evidenciam o impacto econômico com o fortalecimento da economia, a geração de emprego e renda para as populações tradicionais, mas estes relatos de juticultores revelam as intempéries do trabalho extremamente difícil que deteriora o corpo, causa doenças e morte. Esses relatos de ontem e de hoje demonstram que a prática da juticultura continua a exigir um enorme esforço e sacrifícios que muitas vezes não são recompensados, seja pelo baixo lucro, seja pela exploração incutida na vida dos juticultores da Amazônia (Homma, 1995).

Figura 4 - Juticultores no corte das varas da malva na enchente



Fonte: Desenho gráfico de Manoel Nerys, 2025.

A Figura 4 demonstra como se dão os cortes das varas de malva sob as águas, que já começam a inundar as plantações, exigindo do juticultor habilidade para não perder a safra. Como se pode observar, temos os juticultores que fazem a colheita da juta e da malva durante os meses de abril e maio, quando o rio começa a subir e invadir as plantações. O corte é feito dentro da água, que encobre os pés dos juticultores, sob o sol forte do dia. Como elucidada Vieira (2023), a agricultura se organizava conforme os períodos de vazante e enchente. Quando as águas tomavam os pés dos juticultores, era tempo de cortar e afogar a juta e a malva nessas mesmas águas. Este é o processo árduo do trabalho da juta e o que mais castiga os juticultores, pois, dentro da água por várias horas, eles afogam a juta no primeiro processo de vários, até chegar nos feixes para serem enfardados (Ferreira, 2016).

O labor impacta diretamente a saúde do juticultor, por exigir grande esforço, o que resulta na degradação do corpo. Para Ferreira (2009), este fator pesa muito na vida dos juticultores, por serem o elo de toda essa cadeia produtiva, passando assim por uma degradação física e, posteriormente, por uma degradação moral. Mesmo atualmente, os juticultores ainda atuam com as mesmas técnicas de 60 anos atrás, sem qualquer implementação de novas tecnologias que amenizem o processo insalubre do cultivo.

De acordo com Silva (2019), “a lógica de produção do trabalhador da juta está baseada em ações pontuais opressivas” na superexploração do trabalho rural na Amazônia, o que culmina no sofrimento dos trabalhadores, que convivem com as dores do trabalho massivo. As formas como o juticultor é tratado e representado no imaginário coletivo ainda são muito

romantizadas e escondem as agruras do trabalho. A ecocrítica aponta que essa romantização mascara a exploração dos trabalhadores do campo em representações edenistas e idealizadas da vida rural (Garrard, 2006). Na Amazônia, o imaginário sobre o juiticultor ainda encobre os desafios da prática da juta e impede uma compreensão mais próxima da realidade desses trabalhadores. A esse respeito, Marlene Gomes relata:

Minha mãe trabalhou assim também. Minha mãe carregava juta, e olha a barriga, desse tamanho. Grávida, carregando juta, fazia farinha, tudo ela fazia grávida. Nós desde idade de 8 anos, já caía no serviço. Já caía no serviço, né? Desde criança, acostumado no trabalho, assim, pesado. Aí carregava, lavava a juta e botava lá, pra aleirar (Gomes, 2025).

O texto ressalta a presença constante das mulheres na cultura da juta e da malva, ainda que tenham permanecido invisíveis nos estudos sobre a região por décadas. Muitas trabalhavam mesmo durante a gestação ou em condições de saúde debilitada, evidenciando a necessidade de garantir sua sobrevivência e sustento. Essas dinâmicas refletem as relações de gênero como elementos estruturantes da sociedade, moldando a divisão do trabalho e os papéis sociais (Torres, 2015, p. 19). Ao adotar uma perspectiva de gênero, é possível compreender com mais profundidade o envolvimento das mulheres no cultivo da juta e da malva, desde o preparo da terra até a lavagem da fibra.

Apesar dos desafios, os juiticultores mantiveram o cultivo em meio às condições adversas da várzea. Segundo relatos locais, a malva apresenta maior facilidade de produção em comparação à juta, sendo ambas cultivadas na comunidade São Sebastião. Homma (1995) explica essa preferência ao destacar a adaptação da malva a solos de baixa fertilidade. Devido à valorização dessa cultura, o estado do Amazonas incentivou sua produção, como observa Paiva (2009, p. 68), que menciona a relação entre os preços da malva e os da juta, ajustados conforme a demanda.

A exploração dos juiticultores é uma constante histórica. Estudos de Noda (1985) e Junqueira (1982) demonstram que o assalariamento não significava um pagamento integral em dinheiro, mas sim uma combinação de moeda e mercadorias adquiridas por crédito durante a produção. Na ilha do Marrecão, os chamados barões da juta controlavam o comércio local, obrigando os trabalhadores a consumirem exclusivamente em seus estabelecimentos. Durante a pesquisa de campo, foram encontradas moedas utilizadas por esses barões para remunerar os juiticultores, com circulação restrita ao comércio que eles próprios administravam.

Essa estrutura reforça o que Vieira (2023) chama de “maldição da juta na Amazônia”, em que as condições de trabalho eram integralmente impostas pelos barões. Entre 1960 e 1980,

esses patrões ofereciam mantimentos em troca de mão de obra, lucrando com a produção da juta enquanto os trabalhadores permaneciam endividados. O sistema de aviamento consolidava essa dependência: em Manacapuru, a família Ventura, de origem lusitana, dominava o comércio local desde o ciclo da borracha até a expansão da juta. Os Ventura forneciam desde equipamentos básicos até alimentos, que os trabalhadores pagavam com os ganhos futuros da produção. Dessa forma, os jaticultores iniciavam cada safra já endividados.

O controle sobre a força de trabalho também se manifestava na criação de uma moeda exclusiva dos Ventura, cunhada em Portugal, equivalente a um dia de serviço. O senhor Geraldo Costa, em entrevista de 2025, relata: “Eles mandaram fazer essa moeda em Portugal, ela tinha o valor de um dia de trabalho, eles davam para o trabalhador poder comprar com eles no comércio deles. Só tinha validade para quem trabalhava pra eles.” Como se pode observar na Figura 5, a moeda trazia gravadas as inscrições “Manacapuru”, “Família Ventura” e a palavra “intransferível” ao centro, simbolizando o monopólio econômico sobre os trabalhadores da juta.

Figura 5 - Moeda comercializada entre os jaticultores



Fonte: Vasconcelos, 2024.

No fim, com a entrega da produção, os moradores recebiam apenas um pequeno saldo e, como precisavam de novos mantimentos, pediam créditos em produtos alimentícios, formando novamente esse ciclo de exploração do trabalho. Na comunidade São Sebastião, a produção para patrões ainda existe. Os moradores recebem um valor inicial para a produção, bem como as sementes para o cultivo, e no final da colheita entregam a produção. As cooperativas, como a Companhia Têxtil de Castanhal (CTC), também financiam a produção na

comunidade, mas o trabalho ainda é desafiador. Dessa forma, esses retratos da prática da juta, tanto no passado quanto no presente, iluminam a dura realidade do labor do juticultor.

Na comunidade, a maioria dos moradores trabalha ou tem familiares que trabalham ou trabalharam com a juta e a malva, esta última permanecendo como a principal fonte de renda, mesmo que outras atividades, como a agricultura, a pesca de peixes e camarões, e a caça, também façam parte de sua subsistência. A juta foi e ainda é a principal forma de sobrevivência, mesmo com outras fontes de renda. O trabalho envolve toda a família, incluindo homens, mulheres, crianças e idosos. Nas trocas comunitárias entre familiares, os juticultores fazem suas plantações a poucos metros de suas casas. Dessa maneira, os juticultores da comunidade São Sebastião vivem e habitam a ilha do Marrecão em diálogo com a terra e as águas, sustentando uma cultura que faz parte de sua história e do seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias dos juticultores da Comunidade São Sebastião, na Ilha do Marrecão, tornaram-se fontes fundamentais para a compreensão da história da comunidade, suas práticas, técnicas e a relação do trabalho com a juta na região amazônica. A presença da juta na Amazônia não apenas marca a paisagem e o imaginário, mas também os corpos dos povos amazônicos, cujas vidas estão baseadas nesta cultura. Diferentes representações, sejam culturais, artísticas ou científicas, retratam o trabalho do juticultor e a adaptação da juta ao território amazônico, enfatizando seu potencial econômico para a região, mas esquecem das subjetividades atravessadas por esse processo.

Os filhos e netos desses juticultores ainda têm suas vidas entrelaçadas à juta e à malva, que moldam sua cultura de vida, trabalho e histórias pessoais. A comunidade São Sebastião, na Ilha do Marrecão, é marcada por esse período trans-histórico, que se conecta à trajetória da juta no Brasil e na Amazônia. Desde a chegada das sementes trazidas pelos japoneses, que dominavam as técnicas da juticultura a partir de 1930, até sua introdução no Médio Solimões, na década de 1950, essas práticas se incorporaram ao cotidiano dos povos tradicionais amazônicos.

O solo fértil e úmido da várzea facilitou a juticultura. O conhecimento tradicional sobre a dinâmica das águas acelerou esse processo de adaptação: o plantio ocorria entre setembro e dezembro, e a colheita, cinco a seis meses depois, entre março e abril. Com a elevação das águas, os juticultores realizavam a colheita dentro d'água, facilitando o corte e a lavagem da fibra. Essas práticas ainda estão presentes no trabalho dos juticultores atuais, descendentes

daqueles pioneiros na região. Os conhecimentos adquiridos com os japoneses, somados às experiências amazônicas, consolidaram essa cultura local.

A permanência dessa prática por décadas demonstra a forte conexão dos moradores com seu território desde a infância. Essa é uma cultura não valorizada nos grandes centros urbanos, pois é uma cultura do cotidiano, baseada na simplicidade e na subsistência equilibrada com a natureza. O juticultor, como protagonista de sua história, se forja no trabalho diário: no corte da juta e da malva dentro d'água, no transporte das fibras, no cansaço, no sofrimento e na dor. Seu sustento depende desse labor, e foi a partir das narrativas desses juticultores que se construiu esta pesquisa.

De geração em geração, a cultura do plantio da juta adquiriu novos significados para a comunidade, integrando moradores locais e imigrantes em uma relação afetiva com a natureza e o trabalho. Evidenciar as dificuldades desse labor é dar voz a uma cultura marginalizada, oriunda das várzeas, de um povo cuja existência está profundamente conectada à natureza. Quando a natureza é afetada, esses povos também sofrem diretamente.

Mesmo diante da exploração do mercado e do capitalismo, as relações de trabalho na comunidade são baseadas na solidariedade, tanto nas trocas com a natureza quanto na cooperação entre familiares e vizinhos. A divisão do trabalho ocorre por colaboração, e não por imposição. Por fim, as memórias do povo da juta são transmitidas por meio de relatos orais, passados de pais para filhos, formando um acervo vivo da história da região. Esse é um testemunho da memória popular, narrada por quem vive essa realidade, preservando as vivências diárias dos juticultores ao longo das gerações.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Tópicos).
- BITTENCOURT, Antonio C. R. **Memória do município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material**. 2. ed., fac-similado. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Contribuições de A. Accardo *et al.* 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRUCE, Maria Valcirlene de Souza. **O banho das índias em noites de lua cheia: a influência da lua na vida das moradoras e moradores da Serra do Espelho da Lua, Nhamundá-AM.** 2022. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

CERDEIRA, Wesley Dias. **A poesia de Thiago de Mello na perspectiva do pensamento Ecocrítico.** 2020. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 4. 2. ed. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

FARIAS, Elson. **Estações da várzea.** Manaus: Sergio Cardoso & Cia. Ltda, 1963.

FERREIRA, Aldenor da Silva. **Trabalhadores da malva: (re)produção material e simbólica da vida no baixo rio Solimões.** 2009. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia).** 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2016.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica.** Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola.** 2. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2016.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. A civilização da juta na Amazônia: expansão e declínio. In: Congresso de Economia e Sociologia Rural, Curitiba, 1995. **Anais [...].** Brasília: SOBER, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política.** São Paulo: Cortez, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: comunhões emocionais.** 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis. Brasília: UNESCO, 2000.

NICOLESCU, Basarab. **Definition of transdisciplinarity. Rethinking Interdisciplinarity: The Potential of Transdisciplinarity**. Disponível em: <http://www.interdisciplines.org/interdisciplinarity/papers/5/24/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

NODA, Sandra do Nascimento. Agricultura familiar amazonense: mobilidade e relações de trabalho na produção de juta e malva. In: WITKOSKI, Antonio Carlos *et al.* **A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental?** São Paulo: Annablume, 2010.

NODA, Sandra do Nascimento. **Relações de trabalho na produção amazonense de juta e malva. 1985**. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1985. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/0/tde-20240301-150525/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

OLIVEIRA, Liliane Costa de. **Vida religiosa ribeirinha: um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

PAIVA, Alciane Matos de. **Agricultura camponesa e desenvolvimento rural/local: um estudo da organização da produção de juta e malva na várzea do município de Manacapuru**. Manaus: UFAM, 2009.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: memórias dos acontecimentos históricos**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Valer, 2004.

SILVA, Giselle Maria Menezes da. **Subjetividade e trabalho com juta e malva: um estudo em Manacapuru/AM**. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

TORRES, Iraíldes Caldas. **A experiência estética da poiesis Sateré-Mawé: a face aurática e ancestral de sua cultura**. 2015. Tese (Pós-Doutorado) – Université Lumière Lyon 2, França, 2015.

VIEIRA, Everton Dorzane. A maldição da juta na Amazônia: história e memória de trabalhadores rurais de uma comunidade amazônica. Manduarisawa: **Revista Eletrônica Discente do Curso de História da UFAM**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/13414>. Acesso em: 05 fev. 2025.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

Fontes Orais:

COSTA, Geraldo Conceição da. Entrevista concedida a Irlan Leal de Vasconcelos. Manacapuru, 06 jan. 2025.[Gravação digital, acervo pessoal do entrevistador].

GOMES, Marlene Freitas de. Entrevista concedida a Irlan Leal de Vasconcelos. Manacapuru, 08 jan. 2025.[Gravação digital, acervo pessoal do entrevistador].

MONTEIRO, Teófilo Siva. Entrevista concedida a Irlan Leal de Vasconcelos. Manacapuru, 27 dez. 2024.[Gravação digital, acervo pessoal do entrevistador].

OLIVEIRA, Nilson Souza de. Entrevista concedida a Irlan Leal de Vasconcelos. Manacapuru, 08 jan. 2025.[Gravação digital, acervo pessoal do entrevistador].

Recebido/ Received: 23/01/2025

Aceito/ Accepted: 11/02/2025

Publicado/ Published: 03/03/2025